



A CULTURA VISUAL NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS – UMA PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL

VISUAL CULTURE IN EDUCATION VISUAL ARTS - A RESEARCH IN ELEMENTARY EDUCATION

Maristani Polidori Zamperetti¹
Fabiana Lopes Bazili²

RESUMO: O presente texto é um recorte de pesquisa realizada em uma escola particular da cidade de Pelotas, RS, que teve por objetivo investigar como o professor de Artes Visuais trabalhava as imagens da cultura visual contemporânea em suas aulas, e se havia preocupação por parte do professor com o desenvolvimento estético dos alunos quanto às imagens; verificando também se o mesmo estabelecia relações entre as imagens estudadas e o cotidiano dos alunos. A fundamentação teórica da pesquisa se baseia em autores que abordam a importância dos estudos das imagens presentes na cultura visual contemporânea como Hernández (2000, 2007), Martins (2007, 2011) e Pillar (2009). Os dados foram coletados através de observações de aulas e entrevistas com a professora de Artes Visuais da escola, por meio de registros escritos, gravados e fotográficos. Em confronto com a fundamentação teórica, os dados revelam que, apesar da professora trabalhar com imagens da cultura visual ampla (artistas de períodos históricos consagrados e imagens da contemporaneidade), ainda não se preocupa com a necessidade de aquisição de conhecimentos artísticos através da contextualização histórica e cultural, para que os alunos possam desenvolver sua criatividade e percepção estética, como também receber formação crítica para se posicionar em relação aos símbolos presentes nas imagens trabalhadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Visual. Ensino de Artes Visuais. Imagem. Séries Finais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT: This text is an excerpt of a study in a private school in the city of Pelotas, Brazil, which aimed to investigate how the Visual Arts teacher worked images of contemporary visual culture in their classes, and if there was concern on the part of the teacher with the aesthetic development of the students as to the images; checking whether it also established relationships between images and studied the daily lives of students. The theoretical research is based on authors who address the importance of studying the images present in contemporary visual culture as Hernández (2000, 2007), Martins (2007, 2011) and Pillar (2009). Data were collected through classroom observations and interviews with the teacher of Visual Arts, through written records, written and photographic. In comparison with the theoretical, the data show that, despite the teacher working with images of multiple visual culture (artists and historical periods

¹ Doutora em Educação (PPGE/FaE/UFPel). Professora de Fundamentos do Ensino em Artes Visuais no Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, RS. E-mail: maristaniz@hotmail

² Especialista em Artes Visuais, Terminalidade: Ensino (PPGAV/CA/UFPel). Graduada em Artes Visuais – Licenciatura. E-mail: fabilopes2001@yahoo.com.br



consecrated images of contemporaneity), still does not care about the necessity of acquiring knowledge through art historical context and cultural, so that students can develop their creativity and aesthetic perception, but also receive training critical to position themselves in relation to the symbols in the images worked.

KEY-WORDS: Visual Culture. Visual Arts Teaching. Image. Final grades of elementary school.

A cultura é um sistema de crenças e significações que o ser humano usa para dar sentido à sua existência. A arte tem se mostrado desde o início da história da humanidade como uma prática usual em todas as manifestações culturais. “O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu” (BRASIL, 1998, p. 20).

O ser humano existe através da cultura, na qual a sua vida adquire sentido. Conforme Duarte Júnior, “o surgimento da cultura é o aparecimento do homem na terra” (1988, p. 50).

Ao contrário dos animais, os seres humanos não vivem de acordo com seus instintos, pois são capazes de pensar a realidade do mundo em que vivem e de construir significados para esta realidade. A ação humana é guiada pela construção de significados, surgindo daí a cultura. Para Duarte Júnior (1988, p. 51) é através da cultura “que nos tornamos humanos, que aprendemos a organizar e construir o mundo, atribuindo-lhe significações”.

No sentido amplo, a cultura engloba a língua que falamos, as crenças, os costumes, a arte, a religião, etc. Todas as atividades são realizadas de acordo com regras, usos e costumes de cada cultura particular. Duarte Júnior, diz que indivíduos que nascem, aprendem

e constroem o mundo dentro de uma mesma cultura, guardam entre si esta identidade. Por este processo de identificação cultural pode-se dizer que possuímos uma personalidade de base, ou personalidade cultural, moldada a partir de valores básicos de nossa cultura (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 58).

Os indivíduos que nascem em uma mesma cultura, aprendem e constroem comportamentos e atitudes, compartilhando entre si uma identidade cultural. Segundo Hernández, a cultura “define-se como o conjunto de valores, crenças e significações que [as



peças] utilizam (quase sempre sem reconhecê-los) para dar sentido ao mundo em que vivem” (2000, p. 30).

Os estudos culturais³ consideram a cultura como uma forma de vida; nesta compreensão estão inclusas “[...] ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder, quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante” (NELSON; TREICHLER e GROSSBERG *apud* SILVA, 1995, p. 14).

Fundamentados no cotidiano vivenciado pelos sujeitos, os estudos culturais colaboram para a compreensão da multiplicidade de sentidos da cultura na qual estão inseridos. Desta forma, quando a educação

se fundamenta na realidade existencial dos educandos, a aprendizagem significativa tem maior possibilidade de ocorrência. [...] Símbolos desconectados de experiências são vazios, são insignificantes para o indivíduo. Quando a educação não leva o sujeito a criar significações fundadas em sua vida, ela se torna simples adestramento: um condicionamento a partir de meros sinais (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 61).

Nesse sentido, a educação das Artes Visuais com estudos centrados na experiência cotidiana do aluno, faz com que ele encontre o sentido das situações e contextos vivenciados, compreendendo melhor a sua cultura e também de outros povos.

Todas as culturas são produtoras de imagens, existem diferentes manifestações de cultura visual, considerando objetos de arte do passado ou contemporâneos e objetos da cultura de outros povos. Assim, o incentivo

[...] à curiosidade pela manifestação artística de diferentes culturas, por suas crenças, usos e costumes, pode despertar no aluno o interesse por valores diferentes dos seus, promovendo o respeito e o reconhecimento dessas distinções. Ressalta-se, assim, a pertinência intrínseca de cada grupo e de seu conjunto de valores, possibilitando ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade (BRASIL, 1998, p. 62).

³ Campo de estudos interpretativos e avaliativos em suas metodologias, mas diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. [...] Estão assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade (NELSON; TREICHLER e GROSSBERG *apud* SILVA, 1995, p.13).



Desta forma, “[...] a escola é um lugar de excelência para a interação entre as distintas culturas, para o conhecimento da multiplicidade dos códigos culturais existentes e para a produção de cultura”, conforme assegura o Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental – Artes (2006, p. 21).

Os alunos já desfrutam de experiência visual antes de entrar na escola; as imagens fazem parte do cotidiano dos alunos, pois ocorre a proliferação destas através de câmeras, vídeos, celulares, mp4, internet, dentre outras mídias, por isso é importante o estudo das imagens onde o papel do professor, será de mediador na decodificação de signos e na construção de conhecimentos.

Precisamos considerar que no mundo contemporâneo prevalecem, dentre outros aspectos, o contato com imagens, cores e luzes

em quantidades inigualáveis na história. A criação e a exposição às múltiplas manifestações visuais gera a necessidade de uma educação para saber ver e perceber, distinguindo sentimentos, sensações, ideias e qualidades contidas nas formas e nos ambientes. Por isso é importante que essas reflexões estejam incorporadas na escola, nas aulas de Arte e, principalmente, nas de Artes Visuais. A aprendizagem de Artes Visuais que parte desses princípios pode favorecer compreensões mais amplas sobre conceitos acerca do mundo e de posicionamentos críticos (BRASIL, 1998, p. 63).

As imagens precisam ter sentido para o aluno, devendo se relacionar com valores comuns também a outras culturas, onde esse aluno ampliará seus conhecimentos, passando a ler e interpretar as imagens presentes em seu cotidiano.

As pessoas vivem no cotidiano as transformações que ocorrem nas relações entre tempo e espaço na contemporaneidade. Por exemplo, é possível ter contato com a produção visual de diferentes culturas e diferentes épocas, por meio da Internet. O papel da escola é organizar essas ações de modo que as consolide como experiências de aprendizagem. Em Artes Visuais, a escola não pode separar as experiências do cotidiano do aprender individual e coletivo (BRASIL, 1998, p. 64).

Freire entende que “[a] leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (2006, p. 11), ou seja, o mundo onde vivemos é compreendido através de seu contexto, não só por palavras, mas através do visual, da relação com as pessoas, com os lugares, onde deixamos uma marca, uma identidade.



Quanto à leitura de obras de arte, devemos considerá-la como de natureza peculiar, pois ler uma obra seria, então,

perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas e linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um determinado sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma determinada história, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo (PILLAR, 2009, p.15).

Uma leitura só produz sentido quando é possível estabelecer relações entre o objeto e o leitor. As obras de arte do passado terão sentido para o aluno, quando este estabelecer relações com elementos presentes em seu cotidiano, pois “[v]er é uma prática cultural que transcende a fisiologia da visão, assim como, os objetos ritualísticos, simbólicos têm valor enquanto mediadores de práticas e experiências culturais” (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

A cultura visual na educação das Artes Visuais se torna necessária, pois o professor será mediador na decodificação de signos e símbolos presentes nas imagens contemporâneas vivenciadas pelo aluno todos os dias. Para Hernández, “os signos e os símbolos são veículo do significado e ocupam um papel na vida da sociedade, numa parte dessa sociedade que é a que de fato lhes dá vida” (2000, p. 53).

O estudo de imagens da cultura visual proporciona aos alunos encontrarem o significado das situações e objetos que fazem parte do seu cotidiano, pois estão imersos em uma cultura de imagens, seja pelo uso de computadores, televisão, *video games*, celulares com câmera e até mesmo imagens publicitárias. “[...] Fala-se, utilizando uma metáfora bélica, em que vivemos em um mundo onde as imagens nos bombardeiam” (EISENHAUER, 2006 *apud* HERNÁNDEZ, 2007, p. 29).

O trabalho com a cultura visual vai proporcionar aos alunos a capacidade de analisar os significados das imagens de diferentes períodos, tanto da sua cultura como a de outros povos. Para Martins (2007), “como produto social e histórico, as imagens traduzem noções, crenças e valores, registram informações culturais e práticas de diferentes períodos”.



As imagens precisam ter sentido para os alunos, e devem se relacionar com valores comuns a outras culturas. Olhar uma manifestação artística de outra cultura implica mais que o visual: “[...] é um olhar na vida da sociedade, e, na vida da sociedade, representada nesses objetos” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 53).

A proposta da cultura visual é interdisciplinar, e ocupa lugar não só na vida dos estudantes como de todas as pessoas. Cada objeto é resultado de múltiplos fatores culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, dentre outros.

Para Tourinho (2011), os detalhes significativos que a cultura visual enfatiza não estão atrelados somente às questões formais, como cor, textura, forma e composição – variáveis

que pretendem dissecar as imagens sem, contudo, considerar como a experiência social do ver e ser visto, bem como os usos dessas experiências e visualidades, impactam e instituem modos de ver, modos de ser, de agir, de desejar e de imaginar. Além do interesse pela produção artística e imagética do passado, a cultura visual concentra atenção especial nos fenômenos visuais que estão acontecendo hoje, na utilização social, afetiva e político-ideológica das imagens e nas práticas culturais e educativas que emergem do uso dessas imagens. Ao adotar essa perspectiva, a cultura visual assume que a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crença, informação, faixa etária, formas de lazer e demais experiências socioculturais (2011, p. 12).

É preciso que o aluno aprenda a ler e interpretar o mundo de imagens ao qual se depara todos os dias. Ao trabalhar a cultura visual nas aulas de arte, o professor deve estar atento às imagens e seu poder dominante sobre os alunos, como no caso das imagens publicitárias e da mídia em geral, pois as imagens consumidas pelos alunos não são só as produzidas pela arte. Assim, uma propaganda veiculada na televisão, “[...] uma imagem publicitária gráfica ou um clip da MTV, muitas vezes trazem um discurso poético conceitual que renderia comentários profundos acerca dos conteúdos de arte. Essas imagens, das mídias, são as mais presentes no cotidiano do aluno (ALMEIDA apud PILLAR, 2009, p. 81-2).

O professor de Artes Visuais precisa estar atento aos processos de alfabetização visual, optando por temas da cultura visual que questionem os alunos através de suas experiências cotidianas. A escola deve incorporar o universo jovem, pois “[...] não se pode imaginar uma



escola que mantenha propostas educativas em que o universo cultural do aluno fique fora da sala de aula” (BRASIL, 1998, p. 64).

A educação do olhar precisa ser realizada na escola, pois o contato dos alunos com a diversidade imagética é inevitável, e esta necessita de criticidade.

O professor de Artes Visuais pode optar por temas que não visem destruir a satisfação e o prazer dos estudantes por alguns objetos ou imagens da sua cultura visual. Segundo Hernández, a escolha do tema não se trata, contudo,

de colocar em pauta o que eles “gostam ou o que lhes “interessa”, simplesmente, mas por algo que os incomode e desafie [...] Daí a importância ao escolher temas ou problemas em cultura visual, que se tome como ponto de partida as experiências e os questionamentos dos estudantes, de modo que o aprender não seja para eles uma obrigação curricular, mas uma oportunidade de construir experiências de subjetividade (2007, p. 83).

É necessário que o professor auxilie os alunos a compreenderem as imagens da cultura visual, pois a educação crítica dos estudantes poderá ajudá-los a se posicionarem em relação ao poder dominante das imagens da vida contemporânea. De acordo com Martins (2011), trabalhar pedagogicamente com essas imagens, temas

e questões ajuda a entender como e porque certas influências são construídas, a desenvolver uma compreensão crítica em relação às representações da cultura visual e, sobretudo, a vivenciar e aprender um sentido de discernimento e autocrítica. Como perspectiva educativa, a cultura visual pode propiciar aos alunos e professores oportunidade para discutir e se posicionar sobre os dilemas morais, sociais e éticos que afligem e demandam a atenção das sociedades contemporâneas (MARTINS, 2011, p. 21).

Entre os objetos da cultura visual, os professores devem estar especialmente atentos às imagens que estão presentes no dia a dia dos alunos – suas músicas e programas de televisão preferidos, a maneira como se vestem, o que mais gostam de acessar na internet, dentre outras situações.

Assim, é possível que o professor de Artes Visuais, seja mediador na compreensão crítica do aluno em relação aos artefatos visuais, no que se refere ao contexto em que foram produzidos, as diferentes culturas e valores, assim como as relações de poder e construções de identidades.



O trabalho com as imagens da cultura visual fará com que os alunos tenham condições de compreender melhor sua cultura e a de outros povos, contribuindo para a educação crítica e decodificação de símbolos presentes nas imagens que os cercam cotidianamente. Além disso, o trabalho com as imagens contribuem para a percepção visual e para o desenvolvimento estético dos educandos.

Um relato de pesquisa – contexto e análise de dados

A partir do exposto, relatamos a realização de uma pesquisa⁴ feita através de observações, entrevistas e registros fotográficos com duas turmas, uma de sétima e a outra de oitava série⁵, de uma escola particular⁶ da cidade de Pelotas, RS.

O estudo de caso (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) foi o método utilizado para sistematizar a coleta de dados, por meio de observações em sala de aula e entrevistas semi-estruturadas com a professora de Artes Visuais. A pesquisa realizada nos meses de agosto e setembro de 2011 procurou entender como a professora de Artes Visuais de uma escola particular trabalhava com as imagens da cultura visual contemporânea em suas aulas. Procuramos analisar como ela se utilizava das imagens em suas aulas e como esse estudo contribui para o desenvolvimento estético e artístico dos alunos, tendo em vista o atual panorama do Ensino da Arte e as discussões sobre a cultura visual.

A professora é formada em Artes Visuais – Licenciatura Plena, pela Fundação Universidade de Rio Grande. Concluiu o curso em 2004. Leciona na escola há dois anos.

⁴ Esta pesquisa foi elaborada para uma monografia de conclusão do curso de Pós-Graduação em Artes Visuais, terminalidade: Ensino e Percursos Poéticos da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista (BAZILLI, 2012). Neste artigo apresentamos um recorte da pesquisa citada.

⁵ Cada turma era composta por aproximadamente 30 alunos, com idades compreendidas entre 13 a 14 anos. Foram realizadas quatro observações na escola, no total de 8 aulas.

⁶ A escola localiza-se no bairro Três Vendas, atende cerca de 430 alunos, nos turnos manhã e tarde, com aulas do Ensino Fundamental ao Médio. Quanto ao nível sócio econômico familiar da escola, a maioria dos alunos são de classe média.



O material das entrevistas foi transcrito na forma de texto e utilizado na conclusão do trabalho, confrontando com o referencial teórico proposto para estudo. Quanto ao registro das imagens, utilizamos câmera digital, totalizando em média, 75 fotos.

Tal investigação surgiu a partir de indagações sobre as relações entre ensino de Artes Visuais e cotidiano, visto que a cultura contemporânea é constituída por imagens veiculadas diariamente nas diferentes mídias. Por meio da televisão, propagandas, jogos eletrônicos, revistas ou outras mídias, crianças, jovens e adultos acessam informações constantemente.

A seguir descrevemos as propostas de trabalho da professora para as turmas da escola investigada.

Na turma de sétima série foram realizadas pesquisas sobre a vida e obra de Aleijadinho, em livros e na internet. A partir deste contato inicial, os alunos desenvolveram desenhos de observação sobre as obras do artista (Fig.1).



Figura 1: Aluno A, 7ª série, a partir das obras de Aleijadinho - 30.08.11

No trabalho posterior, que versava sobre formas geométricas, os alunos fizeram várias composições de círculos com o uso de compassos, CDs e moedas, e dentro desses círculos criavam pinturas com linhas e texturas (Fig. 2). No prosseguimento da atividade, os alunos deveriam fazer um trabalho de monocromia em folha A4, com formas de quadrados utilizando cores quentes ou frias.

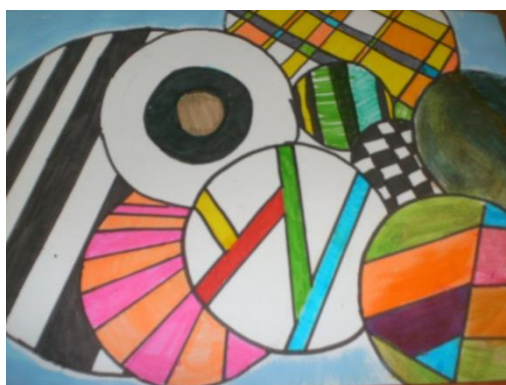


Figura 2: Aluno B, série 7ª, formas geométricas (círculos) – 27.09.11

A proposta de trabalho para a turma de oitava série consistia de pesquisas sobre a vida e obra de pintores acadêmicos como Victor Meirelles e Pedro Américo, finalizando os estudos com apresentações de seus trabalhos na forma de Power Point. Ocorreu também a entrega de trabalhos de xilogravura em tecido, colocados em capas de caderno com desenhos de prédios históricos da cidade de Pelotas (Fig. 3).



Figura 3: Xilogravura em tecido do aluno C, 8ª série, a partir do tema: prédios históricos da cidade de Pelotas – 30.08.11

Dando continuidade à proposta, a professora pediu para que os alunos fotografassem elementos ou situações de seu cotidiano, que despertassem seus interesses. Posteriormente deveriam trazer suas fotos para a professora ver. Os trabalhos foram feitos em grupos de três a quatro alunos com o uso de câmeras digitais (Fig.4 e 5).



Figura 4 (esquerda): Aluno D, 8ª série, fotografia do cotidiano – 27.09.11

Figura 5 (direita): Aluno E, 8ª série, fotografia do cotidiano – 27.09.11

Na continuidade da pesquisa, em entrevista perguntamos à professora, se além das imagens de obras de arte, ela trabalhava também com imagens do cotidiano dos alunos, à qual respondeu: “Às vezes eu trabalho com grafite, que são imagens que eles enxergam nos muros, são trabalhadas letras, escrevem uma palavra e pegam o formato; e vai mostrando o interesse que o aluno tem, que o aluno pede” (ENTREVISTA, 30.08.2011).

Nessa pergunta da entrevista percebemos a dificuldade da professora em compreender o sentido da palavra cotidiano, no tocante às imagens, visto que o mundo imagético, o qual os alunos vivem expostos é mais amplo do que a referência apontada pela professora. Ela refere-se apenas ao trabalho com grafite⁷, ao falar em cotidiano.

Para Kellner (1995, p. 108), “desde o momento em que acordamos com rádios, despertadores e ligamos a televisão com os noticiários da manhã à noite [...] encontramos-nos imersos num oceano de imagens [...]”. Portanto, entendemos que o professor deve estar sempre

⁷ “Do italiano *graffiti*, plural de *graffito*, é o nome dado às inscrições feitas em paredes, desde o Império Romano. Considera-se *grafite* uma inscrição caligrafada ou um desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para esta finalidade”. O grafite é considerado atualmente como forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais, onde o artista aproveita espaços públicos para interferir, criando desta forma, uma linguagem intencional (WIKIPÉDIA, 2012).



atento ao mundo imagético do aluno, não se limitando em apenas algumas visualidades presentes no cotidiano.

A professora ao falar do trabalho com grafite, cita que “são trabalhadas letras”. Porém, no grafite além da estilística presente nas letras, os artistas mostram formas de protesto e indignação quanto aos problemas sociais. Continuando o questionamento, perguntamos à professora se ela trabalhava imagens da publicidade em suas aulas, pois em uma das observações eu tinha lido sobre isso nos seus planos de aula. Ela respondeu: “Quando tem interesse do aluno, sim” (ENTREVISTA, 30.08.2011).

Percebemos através dessa resposta, que a professora não se preocupava em desenvolver o posicionamento crítico do aluno, pois a escolha das imagens pelo professor deve ir além dos gostos pessoais seus e dos alunos, objetivando a aprendizagem sobre o uso e o poder dominante da imagem na sociedade contemporânea. Segundo Hernández, optar por um tema “não se trata, contudo de colocar em pauta o que eles “gostam” ou o que lhes “interessa”, simplesmente, mas propor algo que os incomode e desafie [...]” (2007, p. 82).

Em outra pergunta da entrevista, indagamos a professora sobre como ela percebia o desenvolvimento estético dos alunos. Ela respondeu que “[...] é trabalhado bastante essa coisa da imagem na estética, porque eles não têm assim muita noção do que é estética, então isso é cobrado deles nas primeiras aulas, sobre estética, para que eles possam tentar cultivar” (ENTREVISTA, 30.08.2011).

Constatamos em uma das primeiras observações, que a professora realmente trabalha com leitura e releituras de obras de arte em suas aulas, falando da vida e obras de artistas, o que faz com eles desenvolvam um olhar estético sobre essas imagens. Da mesma forma, observamos que os alunos da 8ª série fizeram um trabalho de fotografia, onde utilizaram câmeras digitais para fotografar coisas de seu cotidiano.

Segundo Ferraz e Fusari (1999), “as potencialidades estéticas e artísticas [...] não podem se desenvolver isoladas e nem de modo unicamente “espontâneo” ou desprovido de intervenções de sua ambiência cultural” (p.105, grifos das autoras). Assim, entendemos que a professora procura trabalhar com alguns elementos presentes na vida cotidiana dos alunos, mas ainda não se preocupa com a contextualização destas imagens em relação às vivências discentes.



O professor deve estar atento ao selecionar as imagens para trabalhos de leitura e releitura em sala de aula, pois estas necessitam produzir algum tipo de empatia nos alunos, fazendo com que os mesmos possam estabelecer relações com os seus próprios contextos e outras culturas. As imagens e artefatos trazem consigo, além do visual, aspectos de uma sociedade imantada de símbolos e significados.

Através das observações e entrevistas realizadas na escola, percebemos que a professora trabalhava com imagens consagradas da História da Arte e até mesmo com imagens presentes no cotidiano do aluno. Presenciei a construção de trabalhos com “fotografias do cotidiano” nas aulas da professora, e em entrevistas, foram mencionados trabalhos com grafite.

Apesar disso, acreditamos que ainda há distanciamento por parte da professora com a contextualização das atividades propostas aos alunos, no que se refere a fatos históricos e até mesmo à importância que as leituras de imagens podem oferecer aos alunos, em relação à construção de conhecimentos e formação crítica.

Breves conclusões a partir da pesquisa

Nos anos 80 a imagem voltou a ocupar um lugar importante nas Artes Visuais com a metodologia triangular proposta por Ana Mae Barbosa, que inter-relaciona o fazer artístico, a contextualização e a leitura de imagem (FERRARO; NARDIN, 2009).

Centrando na proposta de Ana Mae, foi possível analisar os dados da pesquisa realizada na escola, e a partir daí, formular as considerações finais para este trabalho. Considerando, ainda, as ideias de Hernández (2000), que aborda a importância de se trabalhar na escola as novas visualidades culturais, para a compreensão dos códigos e signos presentes nas imagens, para que possamos interpretar o poder estabelecido por estas na vida das pessoas.

Em um mundo dominado por visualidades, somos surpreendidos por imagens de todos os tipos, todos os dias, algumas servem de entretenimento, outras para induzir ao consumo, à maneira de ser, de vestir-se, etc. E ainda há àquelas que servem apenas para contemplação.

É aí que o estudo das imagens da cultura visual contemporânea torna-se importante para o trabalho de leitura e releitura nas aulas de Artes Visuais, por fazer parte da vida cotidiana



do aluno. Com esse estudo, o aluno poderá se posicionar criticamente em relação ao poder dominante das imagens, e terá a capacidade de discernir os símbolos e signos contidos nas mesmas.

Por meio das observações realizadas na presente pesquisa, chegamos à conclusão de que a professora trabalha com elementos pertencentes à cultura visual dos alunos – grafite e fotografia – mas não se preocupa com o posicionamento crítico dos mesmos em relação a estas manifestações artísticas. Quanto ao desenvolvimento estético, ocorreu maior incidência no uso de imagens de obras de arte do passado do que imagens da cultura visual contemporânea. Assim, valorizando as imagens artísticas tradicionalmente aceitas, a professora reafirma um gosto, uma crença ou uma tendência em relação à maior aceitação dessas produções, em detrimento de obras contemporâneas, conforme aponta Martins (2007) em relação ao trabalho com a cultura visual na sala de aula.

Observando as turmas da professora, percebemos que a professora trabalha com imagens em suas aulas – imagens de artistas consagrados da História da Arte, e imagens contemporâneas – presentes no mundo imagético de seus alunos. No trabalho de fotografia desenvolvido pela professora, apesar dos alunos terem retratado objetos e situações de seu cotidiano, faltou a contextualização sobre estas imagens, o que poderia proporcionar análises críticas e, por conseguinte, o desenvolvimento estético por parte dos educandos.

Referências

ALMEIDA, Cláudia Zamboni de. As relações arte/tecnologia no ensino da arte. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p.73 - 82.

BAZILI, Fabiana Lopes. **A cultura visual no Ensino das Artes Visuais** – um estudo nas séries finais do Ensino Fundamental. 2012. 64f. (Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, terminalidade: Ensino e Percursos Poéticos) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, 1998.



DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papirus, 1988.

FERRARO, Mara Rosângela; NARDIN, Heliana Ometto. **O Ensino das Artes: Construindo Caminhos**. In: FERREIRA, Sueli (org.). 7ª ed. Campinas: Papirus, 2009. p. 181- 222.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual - Mudança Educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual - proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens Criticamente. Em Direção A Uma Pedagogia Pós - Moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula - Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p.104 -130.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Raimundo. **Educar com imagens: múltiplos tempos de interpretação**. Artigo publicado no Boletim Arte na Escola nº 45, Abril de 2007.
Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=70>
Acesso em: 18 de maio de 2012.

MARTINS, Raimundo. **Imagem, identidade e escola**. In: Salto para o futuro – Cultura Visual e Escola. Ano XXI. Boletim 09 - Agosto, 2011. p. 6 e 15-21.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala De Aula - Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7- 34.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p.11-20.

Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II no ensino fundamental**. São Paulo: SME/DOT, 2006.



TOURINHO, Irene. **Ver e ser visto na contemporaneidade - As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso?** In: Salto para o futuro – Cultura Visual e Escola. Ano XXI. Boletim 09 - Agosto, 2011. p. 9-14.

WIKIPÉDIA. Grafite. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Grafito>>
Acesso em: 06 de maio de 2012.